

A HORA DA VIRADA

Recessão pelo retrovisor

Depois de dois trimestres de queda, economia cresce 1,9% entre abril e junho

Cássia Almeida e
Henrique Gomes Batista

A recessão é página virada na economia brasileira. A expansão forte de 1,9% no segundo trimestre frente ao início do ano, divulgada ontem pelo IBGE, afastou o temor de que o Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos pelo país) recue este ano, na opinião da maioria dos analistas que acompanham o desempenho da atividade econômica. O número veio no topo das projeções do mercado, que esperava alta entre 1,6% e 2,1%.

Mas, mesmo com o avanço após dois trimestres seguidos de retrocesso, o PIB ainda ficou 1,2% menor na comparação com o mesmo período de 2008. Assim, a economia brasileira fechou o primeiro semestre com um tombo de 1,5%, o maior da série histórica do IBGE, iniciada em 1996.

Entre abril e junho, o Brasil produziu R\$ 756,197 bilhões em bens e serviços. O mercado interno foi o responsável pela retomada da economia, o que pode ser constatado com a alta de 2,1% no consumo das famílias (que responde por cerca de 60% do PIB) frente ao primeiro trimestre e de 3,2% contra 2008. Nessa comparação, o consumo cresce a quase seis anos seguidos.

— Não mudou o padrão de crescimento da economia brasileira. Claramente, o consumo das famílias vem sustentando a expansão — disse Roberto Olinto, coordenador de Contas Nacionais do IBGE.

Investimentos têm queda de 17%

• Depois de três trimestres no terreno negativo, a indústria reagiu e avançou 2,1% frente aos três primeiros meses deste ano. Já o investimento, apesar da estabilidade frente ao início do ano, teve queda recorde de 17% contra abril a junho de 2008, no maior recuo da série histórica do IBGE. Além da produção nacional de máquinas e equipamentos ter ficado menor, as importações também caíram. A construção civil, outra parcela considerável do investimento (cerca de 40%), caiu 9,5% frente a 2008.

Segundo Mario Bernardini, diretor da Associação Brasileira da Indústria Máquinas e Equipamentos (Abimaq), os investimentos recuaram para níveis de 2006. Ele alerta que, se a taxa de investimento permanecer nesse patamar (em 15,7% do PIB, a menor desde o segundo trimestre de 2003), o país vai crescer “mediocremente” nos próximos anos.

Com a crise levando à redução das importações, o setor externo apareceu com sinal positivo no PIB. A contribuição foi de 0,7 ponto percentual. Sem essa ajuda, o PIB frente ao segundo trimestre do ano passado teria caído 1,9% e não 1,2%.

Variação frente
ao trimestre
anterior

1,9%
2º tri/2009

1,5%
2º tri
2008

1,3%
3º tri
2008

-1%
1º tri
2009

-3,4%
4º tri
2008

OS NÚMEROS DA ATIVIDADE ECONÔMICA

Frente ao mesmo trimestre do ano anterior

2º tri/2008	6,2%
3º tri/2008	6,8%
4º tri/2008	1,3%
-1,2%	1º tri/2009
-1,8%	2º tri/2009

- No segundo trimestre, a economia brasileira produziu R\$ 756,2 bilhões de bens e serviços
- No semestre, a queda do PIB foi de 1,5%, a maior da série histórica que começou em 1996

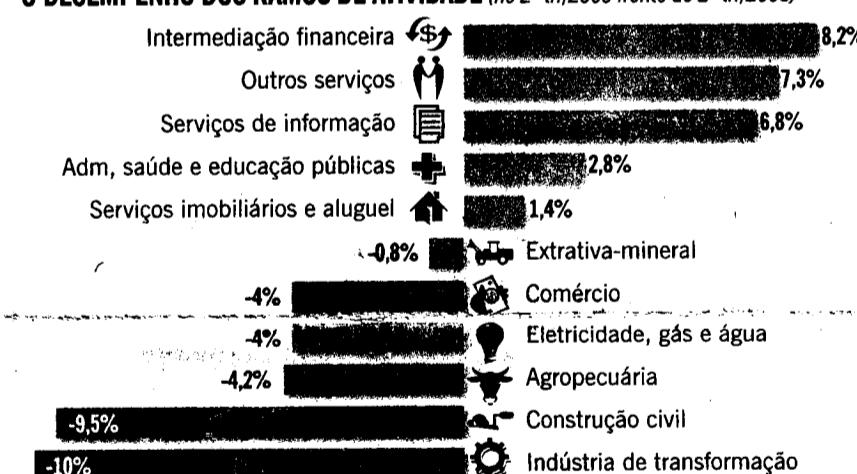
OS GRANDES SETORES NO SEGUNDO TRIMESTRE

	Frente ao 1º tri/2009	Frente ao 2º tri/2008
Pela ótica da produção		
Agropecuária	-0,1%	-4,2%
Indústria	2,1%	-7,9%
Serviços	1,2%	2,4%
Impostos	ND	-2,8%
Pela ótica da demanda		
Consumo das famílias	2,1%	3,2%
Consumo do governo	-0,1%	2,2%
Investimento	0	-17%
Exportações	14,1%	-11,4%
Importações	1,5%	-16,5%

QUE CÁLCULO É ESSE
O Produto Interno Bruto (PIB) é o conjunto da produção de bens e serviços num país. A coleta é feita em três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. Os dados também podem ser apresentados sob a ótica da demanda: família, governo, investimento, exportações e importações.

A maior queda
da série, iniciada
em 1996

O DESEMPENHO DOS RAMOS DE ATIVIDADE (no 2º tri/2009 frente ao 2º tri/2008)



da oferta da economia, foi o setor que manteve o crescimento mesmo durante a recessão. A alta foi de 1,2% frente ao início do ano e de 2,4% contra o mesmo trimestre de 2008. Puxada pelo crédito, a intermediação financeira, com alta de 8,2%, voltou a exibir taxas de crescimento próximas às de antes da crise.

— O setor de serviços não teve comportamento recessivo. A recessão foi curta e concentrada na indústria — afirmou Alexandre Maia, economista-chefe da GAP Asset.

Analista já vê alta de 5% no PIB em 2010

• A expansão de 1,9% no segundo trimestre, frente ao início do ano, equivale a uma taxa anualizada de crescimento de 7,8%. O bom resultado fez o patamar de produção do PIB voltar aos níveis de 2008. No primeiro trimestre, ainda em recessão, o país havia retrocedido ao

nível de produção do segundo trimestre de 2007.

A recuperação foi rápida e, agora, a economia está apenas 2,1% abaixo do nível máximo de produção já alcançado pelo Brasil, que foi no terceiro trimestre de 2008, um pouco antes de a crise financeira desembocar no Brasil.

Maia, da GAP, acredita que a economia brasileira vai crescer forte em 2010, bem acima das previsões de 4% do mercado. Ele lembra que, em setembro de 2003, quando país também atravessava recessão, o mercado esperava alta de apenas 3% do PIB no ano seguinte e a expansão, em 2004, acabou sendo próxima de 5%:

— Portanto, agora quando as projeções estão em 4%, é bem possível ultrapassarmos a faixa de 5% em 2010 — disse.

Além dos investimentos, outro desafio negativo do PIB foi a agropecuária. O setor foi o único entre os três grandes da economia a registrar taxa negativa, com uma retração de 0,1% frente ao primeiro trimestre. O

Após erros, resultado sem grande surpresa

• O resultado do PIB informado ontem pelo IBGE não pegou os analistas tão de surpresa como nas divulgações anteriores. Nos dois trimestres em que o país sofreu uma recessão, os economistas erraram, e muito, sobre o tamanho do tombo da economia brasileira. Dessa vez, a alta de 1,9% veio perto da maioria das estimativas. Segundo fontes do mercado, esse maior acerto é explicado, em parte, porque os analistas ajustaram suas projeções depois das declarações do ministro da Fazenda, Guido Mantega, que na semana passada afirmou que o PIB seria de 1,8% a 2%.

Além disso, uma grande fonte de ruído nas últimas divulgações foi o método de ajuste sazonal. A crise foi tão intensa que o método usado pelo IBGE acusou uma mudança no nível de produção da economia entre outubro de 2008 e março deste ano. Com isso, a fórmula de ajuste sazonal adotada para esse período acabou sendo diferente da estimada pelos analistas. Recentemente, o IBGE fez um seminário com economistas de mercado para explicar minuciosamente o modelo de ajuste sazonal. (Juliana Rangel e Cássia Almeida)

principal motivo do resultado foi, segundo especialistas do setor, a redução dos preços internacionais dos alimentos e uma queda de 6% da safra deste ano em relação à colheita do ano anterior. Segundo a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), o setor fechará o ano no vermelho.

— O dólar está muito baixo e estamos amargando um forte prejuízo este ano, ou seja, estamos com pouca capacidade de investimentos para o próximo ano — informou Pedro Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs).

Segundo Rebeca, do IBGE, a agropecuária perdeu produtividade no segundo trimestre, época de colheita de grandes culturas como a soja (cerca de 40% dos grãos), com a produção caindo mais que a área plantada. ■

COLABOROU Fabiana Ribeiro

• CONSUMO DAS FAMÍLIAS ACELERA, na página 34